

TRILHAS DO OLHAR: LUGARES DE APRENDER ARTE

FABÍOLA CIRIMBELLI BÚRIGO COSTA – Colégio de Aplicação UFSC

M^a CRISTINA DIEDERICHSEN – UFSC

SHEILA MADDALOZZO – Colégio de Aplicação UFSC

Resumo

O projeto *Trilhas do Olhar: lugares de aprender Arte*, do Grupo de Estudos Arte na Escola – Polo UFSC, objetivou subsidiar o professor de Artes da rede de ensino público de Florianópolis por meio de um curso com visitas a espaços expositivos da cidade. O encontro com a obra revela experiência significativa e desencadeadora de múltiplas possibilidades de ação pedagógica. A aprendizagem é potencializada quando o sujeito é posto em contato direto com a obra, pois só assim a teoria é vivenciada de fato. É nesse encontro que se constroem relações de conhecimento, de estranhamento, de reconhecimento, de afeto, enriquecendo, em muito, a práxis dos professores e a poética dos alunos. O projeto foi desdobrado com sucesso em escolas por professores do curso, reforçando a ação multiplicadora do Grupo de Estudos.

Palavras-Chave: formação continuada; ensino da arte; espaços de exposição.

Sommaire

Le projet *Trilhas do Olhar: lugares de aprender Arte*, du Groupe d'Études *Arte na Escola/UFSC* a eu comme objectif d'épauler l'instituteur en Arts de l'école publique de Florianópolis par un cours et des visites à des espaces d'expositions de la ville. La rencontre avec l'œuvre se révèle une expérience significative et pouvant déclencher de multiples possibilités d'action pédagogique. L'apprentissage est optimisé lorsque le sujet est mis en contact direct avec l'œuvre, car seulement à ce moment-là la théorie est vraiment expérimentée. C'est dans cette rencontre que se construisent des rapports de connaissance, méconnaissance, reconnaissance, affection, qui enrichissent beaucoup la praxis des enseignants et la poétique des élèves. Le projet s'est déployé avec succès dans des écoles, étant mené par des participants du cours, ce qui renforce l'action multiplicatrice du Groupe d'Études.

Mots-Clés: formation continue; enseignement d'art; espaces d'exposition.

Em 2008, o Polo UFSC Arte na Escola¹ reiniciou as atividades do Programa de Educação Continuada propondo a formação de um novo Grupo de Estudo², uma vez que o último acontecera apenas em 1999. Com o tema A

práxis como fundamento, a proposta inicial do Grupo era a de viabilizar reflexões teóricas e experimentações nas diversas áreas artísticas, promovendo viagens de estudos e outras atividades definidas pelos integrantes do grupo, ampliando possibilidades de aplicação no fazer pedagógico. Os encontros aconteceriam semanalmente, de março a novembro, sendo as vagas oferecidas preferencialmente para professores de Arte da rede pública de ensino.

O Grupo de Estudos foi então se constituindo a cada semana, propondo leituras, reflexão e discussão de textos, artigos e livros, participando e organizando eventos, ministrando oficinas e cursos, realizando visitas a museus, galerias e ateliês de arte, viagens de estudos, enfim, atividades que pouco a pouco foram sendo definidas pelos integrantes, possibilitando processos de subjetivação do grupo no decorrer do percurso vivido.

A inquietação permanente em pesquisar, produzir e socializar o resultado desta vivência com outros professores de Arte impulsionou o Grupo a ampliar suas ações, redefinindo sua trajetória. Visando consolidar um novo perfil, em 2009 o Grupo elaborou o Projeto *Trilhas do Olhar: lugares de aprender Arte*, cujo objetivo inicial era pesquisar, produzir e socializar um documentário multimídia, sobre os espaços de artes visuais no município de Florianópolis, visando enriquecer e subsidiar a ação pedagógica do professor de Arte.

A essa primeira proposição foram acrescentadas outras ações que se mostraram peremptórias no transcorrer do projeto. Entre elas, a necessidade de ampliar a proposta do documentário, expandindo-o sob a forma de um curso para professores do município, e propor um contato direto com o espaço expositivo, a fim de otimizar e possibilitar novas relações no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, o espaço expositivo é entendido como potencializador da experiência estética, pois “se o discurso é constitutivo da obra, o espaço em

que esse discurso é apresentado passa a ser um componente essencial dela” (CAUQUELLIN, 2005, p.137).

O que nos punge, mobiliza-nos

A proposta de visitar espaços de artes visuais da cidade e de otimizá-los enquanto agentes desencadeadores de novas possibilidades na docência em arte surgiu da constatação, pelo Grupo, do quanto era agradável e mobilizador de potências efetuar tais visitas e viagens. Visualizar novas composições e propostas artísticas; conversar com pessoas relacionadas ao espaço expositivo ou com o próprio artista; olhar e construir diferentes leituras pela fala de outros, de nossos pares; colocar-nos diante do que nos afeta... tudo isso amplia sensibilidades, percepções, reflexões e questionamentos. Esses novos saberes geram e ressignificam experiências e conhecimentos, reafirmando a relevância dos espaços expositivos como agentes decisivos na formação sensível do sujeito, pois “que não há e não pode haver nenhum substituto para a experiência Direta” (DANTO, 2005, p. 254).

Retomando Barthes (1984), o que nos punge, o que nos toca, o que nos fere ao estar neste grupo? As viagens a exposições, salões, galerias e lugares de arte nos atravessaram como *punctuns*, revivificando-nos. A experiência com a obra de arte dá acesso a uma dimensão de vida, a um corpo afetivo, intenso e não extenso, um corpo pleno. O corpo/sensação é atravessado por uma potente vitalidade proveniente da relação com a obra, desfazendo organizações, libertando e produzindo intensidades, “tornando audíveis as forças não audíveis”. (DELEUZE 1968, p. 145).

Conversas com coordenadores de espaços artístico-culturais e com professores de escolas públicas apontavam também para a necessidade de revisitar o acervo cultural existente no município, oportunizando o acesso a esses locais, especialmente para professores e alunos.

Vários autores como OTT (1997), PAREYSON (1989), BOURDIEU (2003) vêm enfocando a importância das experiências e do contato direto com galerias, museus e espaços culturais. Afirmam esses críticos o quanto esse contato com obras de arte e objetos artísticos proporcionam força expressiva para o trabalho artístico e, acrescentaríamos também, para o fazer pedagógico, como também para a vida. O museu proporcionaria outro caminho de aprendizagem diferente dos livros e dos meios de comunicação de massa, por oferecer a experiência visual direta com a arte, pois, somente a partir de uma experiência sensorial, vivencial consumada, é que as noções abstratas, as palavras, as teorias e explicações intelectuais transformam-se em aprendizado.

O encontro com a obra ocorre quando se instaura uma simpatia, uma congenialidade, uma sintonia, um encontro entre dois infinitos aspectos da forma e um dos infinitos pontos de vista da pessoa: ler uma obra significa conseguir sintonizar toda realidade de uma forma, através da feliz adequação entre um de seus aspectos e a perspectiva pessoal de quem olha. (PAREYSON, 1989 p. 167.)

O contato com o acervo cultural, sobretudo o do nosso tempo, oportuniza a percepção das relações entre as diversas produções de arte, como também entre estas produções e a vida de cada um. Cada forma de olhar, de refletir, de questionar, possibilita uma interpretação, um compartilhar de significados que permitem uma mudança de atitude perante a arte, ampliando nossa visão de mundo. Como afirma DANTO (2005, p.253),

Se a arte é às vezes uma metáfora da vida, então a familiar experiência artística de sairmos de nós mesmos – a conhecida ilusão artística – realiza uma espécie de transformação metafórica da qual somos o objeto: a obra se refere afinal a nós, pessoas perfeitamente comuns transfiguradas em homens e mulheres excepcionais.

Frente a estas questões, o Grupo de Estudos propôs uma ação com vistas a provocar a ida de professores e alunos aos espaços culturais, ativando a busca aos olhares da Arte. Em contrapartida, esperava-se que esses olhares, além de contribuir para a formação crítica do aluno de arte, pudessem sugerir novos pontos a serem pesquisados e visitados, ampliando nossos

campos de experiência, dissolvendo, desta forma, as paredes de sala de aula a fim de trazerem para a vida o processo de formação de alunos e professores.

Inicialmente foi necessário mapear os espaços de artes visuais existentes em Florianópolis. Pesquisas on-line e bibliográficas foram realizadas pelos integrantes do Grupo, objetivando levantar os lugares de arte da cidade passíveis de receberem professores e alunos. O levantamento incluía diversos espaços de arte, dos quais 17 foram pré-selecionados, segundo critérios como: ser consolidado como espaço de arte; ser reconhecido pela comunidade artística; realizar exposições de artes periódicas e possibilitar atendimento aos professores e visitação de grupos de alunos. Ao final desta etapa, três locais foram escolhidos: Museu Arqueológico ao ar livre do Costão do Santinho, Funda o Hassis e Galeria de Arte da UFSC.

A op o por visitar estes três locais procurou contemplar espaços com contextos diferenciados e momentos históricos de est ticas distintas: espaço ao ar livre - arte rupestre do Homem do Sambaqui no Museu Arqueológico ao ar livre do Costão; casa de artista - arte moderna na Funda o Hassis e contexto universitário - arte contemporânea na Galeria de Arte da UFSC.

Trilhando olhares nos lugares de aprender arte

A socializa o das pesquisas no Grupo de Estudos permitiu uma reflexão referente   produ o do material multim dia e a necessidade de compartilhamento mais amplo do mesmo. Novos olhares surgiram a partir da a o da pesquisa, oportunizando o pensamento crítico e a proposi o de novas a oes pedagógicas: realizar um Curso, uma experiência piloto, com um grupo de professores que, posteriormente, efetuariam com seus alunos vivências similares.

Concebeu-se, então, o curso *Trilhas do Olhar: lugares de aprender arte* que objetivava oportunizar vivência-reflexiva dos espaços de artes visuais

enquanto acervos culturais da cidade, ampliando conceitos de arte e cultura, além de suas possibilidades de ensino e aprendizagem. Ministrado pelos integrantes do Grupo de Estudo e oferecido preferencialmente para professores de Arte da rede de ensino, esse curso ocorreu no mês de setembro de 2009, contemplando uma carga horária de 16 horas, sendo filmado e fotografado com vistas à produção de material multimídia.

O curso iniciou-se com a apresentação do Polo UFSC Arte na Escola, do Grupo de Estudos, abordando os objetivos da proposta. Professoras convidadas destacaram a importância da visita educativa e dos espaços expositivos como locais de aprendizagem sensível. Em seguida, o Grupo explanou a pesquisa realizada anteriormente sobre os espaços de artes visuais da cidade. Além de documentação por fotos, vídeos e entrevistas semi-estruturadas, as pesquisadoras muniram-se de um instrumento diagnóstico, que trazia informações acerca da infra-estrutura, acessibilidade e possibilidades dos locais receberem grupos de visitantes. Este instrumento também abordava características do acervo, público alvo, bem como ações no âmbito de curadoria, exposições, oficinas, propostas educativas e material de apoio pedagógico. A partir deste instrumento, foram definidos os locais a serem visitados durante o curso e a frequência a eles, totalizando três encontros ao longo de um mês.

O objetivo da visita aos lugares de artes visuais e as propostas de mediação educativa era mobilizar os sujeitos a partir do encontro com as obras e objetos artísticos, estimulando uma atitude de pesquisa, ampliando conceitos de arte e cultura e suas possibilidades de ensino.

Como parte da estratégia do projeto, após as visitas aos locais definidos, os professores participantes do curso registraram sugestões de conteúdos e de materiais pedagógicos para articulação de atividades a serem realizadas em sala de aula. Ainda, responderam a um questionário sobre a relação dos espaços expositivos e sua docência e sobre os possíveis impactos do curso em

sua práxis futura. Esse material serviu como fonte de avaliação do próprio curso, fornecendo informações e reflexões acerca do processo.

Novas trilhas constituem-se no espaço escolar

Após o término do curso, foi proposto aos professores do Grupo, atuantes em sala de aula, que organizassem a experiência ora vivenciada em suas escolas, juntamente a seus alunos. A sugestão era abarcar as diferentes redes de ensino: particular, municipal e estadual. Três professoras aceitaram o desafio, sendo que as mesmas optaram por um dos três locais visitados. O Grupo de Estudos comprometeu-se a ouvir os anseios e inquietações das colegas, apoiando, motivando e compartilhando leituras e reflexões a fim de aprimorar as ações desenvolvidas durante a execução dos projetos.

A elaboração destas proposições levou em consideração as especificidades de cada profissional e local visitado. As professoras elaboraram seus projetos procurando entrecruzar os anseios e necessidades de suas turmas com suas propostas pedagógicas. Em decorrência, os desdobramentos aconteceram de diferentes maneiras:

(i) A primeira professora³ optou pelo Museu Arqueológico ao ar livre Costão do Santinho devido à relação existente entre as inscrições rupestres e a temática desenvolvida anteriormente por ela:

“A visita ao Museu Arqueológico ao ar livre Costão do Santinho instigou o aprofundamento de um tema já abordado em classe, referente aos diferentes meios de linguagem construídos até a atualidade, da inscrição rupestre ao computador. As inscrições rupestres do Homem do Sambaqui, que sugerem a necessidade de comunicação e expressão desde os primórdios, apareciam como um excelente desencadeador da proposta.

No entanto, várias dificuldades, desde o enrijecimento dos processos educacionais, que atravancam qualquer proposição mais inovadora, à exiguidade de tempo das aulas em relação à extensão do conteúdo, passando pela lógica enrijecida da avaliação por parte dos próprios alunos, até a ainda aparentemente intransponível indisponibilidade de partilha interdisciplinar, se apresentaram desde o início do projeto, comprometendo sua continuidade. Essa situação, infelizmente, é comumente observada na atualidade em muitos estabelecimentos escolares”.

(ii) A Fundação Hassis foi o local escolhido pela segunda professora⁴ que já havia agendado uma visita com seus alunos a esse espaço, em função do Projeto Integrado de sua escola:

“O curso Trilhas do Olhar apontara a necessidade e possibilidade de ampliação do repertório artístico dos alunos. Seguindo o Projeto Integrado da escola, neste ano as aulas de Artes fomentariam a participação dos alunos no que se refere à criação e autoria. Os mesmos conteúdos, previstos inicialmente, podiam ser trabalhados enfocando artistas locais como referência e tendo como ponto de partida a visita à Fundação Hassis. Como primeira experiência, esta metodologia (criação e autoria) foi utilizada com as turmas dos 9º anos, a fim de propiciar uma maior interação entre arte e vida. Os alunos foram instigados a elaborar projetos a partir de seus centros de interesse. Com base nos conteúdos trimestrais, desenvolveram modos de trabalho e reflexão pessoais; construíram trabalhos práticos singulares, apoiados nas descobertas e manipulação de diferentes materiais, sem a interferência direta, da professora, sobre o tema a ser trabalhado.

O projeto “Atrás da Porta”, desenvolvido na disciplina de Arte com essas turmas, teve como objetivo elaborar poéticas em diferentes linguagens (desenhos, pinturas, textos, expressão corporal), a partir da análise da obra “Porta”, do artista catarinense Hassis. A obra, uma porta de madeira pintada, repintada e raspada, é uma espécie de relicário gigante em que estão

agrupados objetos, imagens, textos, representações de uma vivência singular que refletem questões e posturas tomadas pelo artista.

Na visita à Fundação Hassis, os alunos vivenciaram, no contato com as obras do artista, aspectos técnicos e intelectuais presentes no processo de criação das obras de arte. Após a visita, os alunos desenvolveram um texto poético sobre a saída onde expuseram suas reflexões sobre a relação entre a arte e a vida e impressões sobre a experiência. Essas reflexões permearam as aulas seguintes, com intuito de relacionarem arte, vivência e atitudes de mudança. Conhecendo e observando a obra do artista, os alunos puderam criar a partir de diferentes linguagens artísticas e relacionar suas reflexões com o Projeto Anual do Colégio.

Mais adiante, os alunos foram instigados a trazer três objetos significativos e a explicar, por meio de um vídeo, o motivo da escolha. Terminada essa etapa, desenvolveram atividades de desenho, colagem e pintura com base nos objetos escolhidos. Ao final das produções, cada aluno escolheu um dos três objetos para ser incorporado na porta coletiva dos 9º anos, que foi exposta ao lado de outra porta, destinada aos anseios da comunidade escolar. O público, ao visitar a exposição, depositava ali suas reflexões em pedaços de papel, criando a “Porta de Comunidade”.

Desta forma, assim como o artista, tanto os alunos como o público da exposição puderam também se posicionar frente aos acontecimentos sociais. Encontrou-se, então, um ponto comum entre a obra de arte e a vida: a percepção e reflexão sobre os fatos podem causar uma mudança de atitude”.

(iii) A terceira professora⁵ tinha como proposta pedagógica entrar em contato com a obra de artistas clássicos, modernos e contemporâneos. Portanto, definiu a Fundação BADESC, que expõe arte contemporânea, como objeto de pesquisa:

“O Projeto Pedagógico Sobrevoos, desenvolvido de março a junho de 2010, com alunos da 7ª série de uma escola da rede municipal de Florianópolis, objetivava desconstruir e superar as perspectivas massificadas que habitam nossos hábitos; articular movimentos para despertar potencialidades adormecidas e poetizar nossa prática pedagógica por meio da experiência estético/artística.

Buscando transformar a escola para que venha a ser menos um local de reprodução dos valores existentes na sociedade e mais um ambiente propiciador de curiosidades, descobertas, experiências e aprendizados significativos, o projeto procurou incentivar a potência inventiva dos educandos, para que eles se percebessem como criadores de suas subjetivações, do conhecimento, da cultura.

A fim de oportunizar uma maior convivência dos alunos com espaços artístico-culturais, visitamos a exposição do artista catarinense Guido Heuer – *Tensões*, na galeria da Fundação BADESC em Florianópolis. As obras discutiam temas veiculados nas mídias, questões sociais e políticas (principalmente violência), destacando, pensando e elaborando plasticamente variados acontecimentos do cotidiano.

A visita à galeria foi determinante na mudança radical de atitude dos alunos, tanto em relação à arte quanto em relação a mim mesma, e suscitou uma nova comunicação entre o grupo. O contato direto com as obras alterou não apenas a percepção e experiência estética dos alunos como as próprias relações internas da turma, como as de ordem comportamental -estudantes antes desatentos e agressivos mostravam-se interessados e gentis e, mesmo, potencializando afinidades com o professor.



Alunos na exposição de Guido Heuer. Fonte: M^a Cristina Diederichsen

Durante a visita os alunos foram muito participativos, tocaram nas pinturas (podiam!), fizeram perguntas pertinentes, estavam realmente interessados nas obras e nas explicações da mediadora. Cada aluno fotografou o que mais lhe impressionou. Na aula seguinte projetamos as fotos e as comentamos. Propus que expressassem plasticamente ou pela escrita suas experiências na galeria. Discutimos os temas da exposição, nossa relação com as mídias, com a sociedade, com o mundo. Buscamos entender melhor nosso tempo, este tempo acelerado, que nos rouba a presença e o encantamento.

A comunicação digital ocupa, na contemporaneidade, ao lado da televisão, o espaço de comunicação/informação que os jovens mais utilizam em seu tempo livre. “As Mídias são mais que instrumentos, chegam a fazer parte de nossa vida, quase como uma forma de extensão através da qual construímos relações, conhecimentos”. (FANTIN, RIVOLTELLA, 2010). As imagens midiáticas, predominante e astutamente produzidas pelos detentores do poder econômico, apropriando-se de códigos de sedução imagética, impõem uma ordem ideológica, polarizada para o consumo. É assim que o capitalismo tardio em que nos encontramos se mantém: capturando o desejo

de milhões de pessoas, plugando o sonho das multidões à sua mega máquina produtiva e midiática planetária (PELBART, 2009).

Tais reflexões permearam todo o processo, durante o qual buscamos, continuamente, atravessar estas paisagens com os estudantes, lançando desafios e provocações. Ao entrecruzarmos nossas vivências virtuais e atuais e a maneira como cada um as percebe, possibilitamos questionamentos, ampliação de horizontes, reposicionamentos éticos e solidários, além de ações (micro)políticas, qualificando nossa experiência humana, integrando a capacidade dos alunos de dialogarem com realidade, a qual deixou, então, de ser uma simples materialidade, convertendo-se num potencial diversificado de relações significativas (MEIRA, 2009).

Nas semanas seguintes, foram desenvolvidas atividades de revisitação à obra de Guido Heuer: trabalhos articulando planos pictóricos com colagens, usando diferentes suportes e materiais, criando, à moda do artista, pinturas-objeto. O fazer artístico processou transformações em nosso modo de ser, articulando pensamentos, emoções, propiciando um aprofundamento na elaboração da linguagem visual e de uma poética singular. Refletimos sobre nossos trabalhos, socializando impressões, evidenciando os diversos olhares e leituras sobre a produção de cada aluno. Aconteceu um espelhamento. Os estudantes perceberam que sua produção tinha um sentido além do que eles próprios viam e que suas obras eram *abertas*. Concluimos o projeto com uma exposição dos trabalhos dos alunos”.

O que tocamos e o que nos toca

Como todo projeto em educação, este se mostrou aberto, dinâmico e fascinante em seus desdobramentos. De um anseio inicial de refletir em grupo sobre questões atinentes aos processos do ensino da arte, emergiu naturalmente o desejo de expandir e concretizar essas descobertas e inquietações em um material de apoio pedagógico. Do documentário previsto

inicialmente, a proposta evoluiu para um curso que propiciou a professores vivenciar espaços expositivos, entendendo-os como potencializadores de novas e fecundas abordagens, efetivando um contato real e sensível com o objeto estético, além de instigar novas práticas no ensino da arte. Essa experiência de encontro com a arte, imprescindível, foi agente multiplicador em ações posteriores destes professores junto a seus alunos.

Também lidamos a toda hora com contradições. Ao mesmo tempo em que buscamos trilhar caminhos abertos, rizomáticos, trazemos afunilamentos perceptivos onde ainda imperam a rigidez e atitudes dominadoras e unívocas. Compreendendo que nestas redes de significações e incertezas estamos nós e a arte, ela mesma multiplicadora de sentidos e, uma vez que a obra de arte só se oferece a quem conquista o seu acesso (PAREYSON, 1997), é possível descobrir caminhos para realizar com os alunos travessias poéticas pela vida.

Aprendemos a flexibilidade com o próprio processo de ensino-aprendizagem, junto aos estudantes, às situações cotidianas, na sala de aula. Ensinar é aprender, é utilizar tudo o que pode nos aproximar, é construir uma postura de entrega, de se colocar junto, de pensar e sentir de formas diversas, pois cada um de nós somos vários.

Concluimos trazendo Larrosa, que expressa tão bem o significado e importância do grupo e da experiência direta:

A experiência é o que nos passa ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa, ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. (Larrosa, 2004).

¹ O Programa Arte na Escola - Polo UFSC, coordenado pelo Departamento Artístico Cultural - DAC e Colégio de Aplicação - CA integra a Rede Arte na Escola, uma organização que articula instituições brasileiras de ensino superior (IES), culturais e educacionais com o Instituto Arte na Escola e tem por objetivo qualificar professores de Arte por meio de parcerias locais, reunindo esforços a fim de disponibilizar meios e materiais múltiplos ao ensino de Arte. Presente em diversos estados brasileiros, a Rede Arte na Escola vem desenvolvendo suas ações através dos programas: Educação Continuada, Miateca e Prêmio Escola Cidadã. Como uma de suas ações pontuais, a Rede Arte na Escola mantém, junto ao Programa de Educação Continuada, Grupos de Estudos que se constituem de distintas formas, de acordo com os diferentes contextos brasileiros, contribuindo com os mais diversos saberes. Devido a estas características e seus processos vivenciados, cada Grupo de Estudo estabelece sua identidade propondo ações peculiares voltadas a seu público.

² Grupo coordenado pela professora Fabiola Cirimbelli Búrigo Costa, constituído por professores de Arte: Eliane Dias de Oliveira, Fabiane Patrícia Marquetti, M^a Cristina Diederichsen, M^a de Fátima Lopes Gonzaga, Margareth Borba Rodrigues, Marília de Borba; educadores: Antônio Felix da Silva e Suzi de Castro Alves; artistas plásticos: Elaine Maritsa Franzon, Elenice Monguilhott, M^a Regina Ziegler de Castro, Marilene S. de Orleans Casagrande e agentes culturais: Jucélia M^a Alves e Rose Mery de Lima.

³ Margareth Borba Rodrigues.

⁴ Fabiane Patrícia Marquetti.

⁵ Maria Cristina Diederichsen.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU P., DARBEL, A. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.

DANTO, Arthur. **A transfiguração do lugar-comum**: uma filosofia da arte. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

DELEUZE, G. **Différence et Répétition**. Paris: PUF, 1968.

FANTIN, M. e RIVOLTELLA, C. **Crianças na Era Digital**. REU, Sorocaba, SP, v.36, jun 2010.

OTT, R. W. Ensinando crítica nos museus. *In*: BARBOSA A. M. (org.), **Arte-educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PELBART, P in CANTON, K. **Da política às micro-políticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEIRA, M. in DUTRA PILLAR, A. **A educação do olhar**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa

Especialista em Arte-Educação pela UDESC, Mestre em Psicologia pela UFSC. Professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFSC.

Maria Cristina Diederichsen

Licenciada em Artes Plásticas pela UDESC, Mestranda em Educação pela UFSC. Atuou como professora efetiva da rede municipal de ensino de Florianópolis até 2010.

Sheila Maddalozzo

Doutora em História da Arte pela Sorbonne-Paris I. Professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFSC.